



EXPERIÊNCIAS DE ESTUDANTES DE UNIVERSIDADES PÚBLICAS PERNAMBUCANAS DURANTE O DISTANCIAMENTO SOCIAL NA PANDEMIA COVID-19

Experiences of students at public universities in Pernambuco during social distancing
on covid-19 pandemic

SHIRLEY MACÊDO*
MELINA PINHEIRO GOMES DE SOUZA**
JOSÉ LUÍS AMORIM***

Experiencias de estudiantes de universidades públicas pernambucanas durante el
distanciamiento en la pandemia covid-19

Resumo: O objetivo geral da presente pesquisa foi compreender experiências de universitários de cursos de saúde de instituições públicas de Pernambuco, Brasil, durante o distanciamento social ocasionado pela pandemia da COVID-19. Foi utilizado o método fenomenológico de tendência empírica. Colaboraram dez universitários dos cursos de Educação Física, Enfermagem, Farmácia, Medicina, Nutrição e Psicologia, que encaminharam depoimentos escritos por e-mail. Análise fenomenológica foi realizada e presentificou-se a experiência nas seguintes Unidades de Sentido: saudade da vida e da rotina universitária presencial; preocupações com o atraso do curso; insatisfação, frustração e desgaste emocional diante do Ensino Remoto Emergencial; medo de contrair a doença e contaminar a família; multiplicidade de sentimentos negativos frente à pandemia; incertezas diante do tempo prolongado da pandemia, que promoveram desequilíbrio físico e emocional; reconfiguração da dinâmica e do equilíbrio familiar; atração pela solidão favoreceu lidar indiferentemente com o distanciamento social; alívio da situação através de tempo dedicado à fé/crença religiosa e lazer/hobby. Concluiu-se, principalmente, que esses resultados apontam para a necessidade urgente de políticas públicas de cuidado a esses sujeitos.

Palavras-Chave: Sofrimento Universitário; Pandemia COVID-19; Educação Superior; Saúde Mental.

Abstract: The general objective of this research was to understand the experiences of university students from health courses of public institutions of Pernambuco, Brazil, the social distancing caused by the COVID-19 pandemic. The phenomenological method of empirical tendency was used. Ten university students from Physical Education, Nursing, Pharmacy, Medicine, Nutrition and Psychology courses collaborated who forwarded written statements by e-mail. Phenomenological analysis was performed, and presented the experience in the following Units of Meaning: longing for life and of the university routine in person; concerns about the delay of the course; dissatisfaction, frustration and emotional exhaustion in the face of Emergency Remote Education; fear of contracting the disease and contaminating the family; multiplicity of negative feelings towards the pandemic; uncertainties in the face of the long time of the pandemic, which promoted physical imbalance and emotional; reconfiguration of family dynamics and balance; attraction to loneliness favored dealing indifferently with social distancing; relief through time dedicated to faith/religious belief and leisure/hobby. Concluded, mainly, that these results point to the urgent need for public policies to care for these subjects.

Keywords: University Suffering; COVID-19 Pandemic; Higher Education; Mental Health.

Resumen: Se objetivou comprender experiencias de universitarios de cursos de salud de instituciones públicas de Pernambuco, en Brasil, durante el distanciamiento social causado por la pandemia de la COVID-19. Se buscó describir sentidos de esas experiencias, identificar impactos de ellas a la salud mental y a la vida académica de discentes, analizar dificultades y desafíos enfrentados e identificar estrategias de enfrentamiento utilizadas por ellos durante ese periodo. Se utilizó el método fenomenológico de tendencia empírica. Colaboraron diez universitarios de los cursos de Educación Física, Enfermería, Farmacia, Medicina, Nutrición y Psicología, que encaminaron testimonios escritos por e-mail. El análisis fenomenológica presentificó la experiencia en las Unidades de Sentido: anhelo de la vida y de la rutina universitaria presencial; preocupaciones con el retardo del curso; insatisfacción, frustración y desgaste emocional delante de la Enseñanza Remota de Emergencia; miedo de coger la enfermedad y contaminar la familia; multiplicidad de sentimientos negativos frente a la pandemia; incertidumbre delante al tiempo alargado de la pandemia, que promovieron desequilibrio físico y emocional; reconfiguración de la dinámica y del equilibrio familiar; atracción por la soledad favoreció lidiar indiferentemente con el distanciamiento social; alivio de la situación por intermedio de tiempo dedicado a la fe/creencia religiosa y ocio/hobby. Se concluyó que esos resultados apuntan a la necesidad de políticas públicas de cuidado a esos sujetos.

Palabras clave: Sufrimiento Universitario; Pandemia COVID-19; Educación Universitaria; Salud Mental

* Universidade Federal do Vale do São Francisco.
E-mail: shirley.macedo@univasf.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1619-2353>

** Universidade Federal do Vale do São Francisco.
Email: melinasouza@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2254-9443>

*** Universidade Federal do Vale do São Francisco.
Email: luispsiunivasf@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8748-6573>



Introdução

A *Coronavirus Disease 19* (COVID-19) foi declarada como pandemia pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em março de 2020, causando significativos impactos na economia, na saúde pública e na saúde mental da sociedade, principalmente devido ao distanciamento social, medida para proteger a comunidade da exposição ao risco de transmissibilidade da doença, conceituado como a distância espacial entre pessoas quando fora de casa, evitando grupos e aglomerações (Bezerra, Silva, Soares & Silva, 2020; Faro et al., 2020; Medeiros, 2020).

O distanciamento social, assim como outras medidas de prevenção (quarentena, isolamento social e *lockdown*) está diretamente relacionado a estressores (por exemplo, afastamento de amigos e familiares, incerteza quanto ao tempo de distanciamento, sensação de insegurança, tédio, medo), além de poder desencadear/potencializar agravos à saúde mental, como ansiedade, depressão e comportamento suicida. Diante disso, durante o auge da pandemia da COVID-19, suas medidas, seu tempo prolongado e o colapso dos sistemas mundiais de saúde afetaram sobremaneira a capacidade de enfrentamento de toda a sociedade, comprometendo a qualidade de vida dos sujeitos, passando os cuidados em saúde mental a serem tão emergenciais quanto a assistência básica em saúde, pois as sequelas psíquicas superaram o número de mortes pela doença (Faro et al., 2020; Ornell, Schuch, Sordi & Kessler, 2020).

Bezerra, K. et al. (2020) defenderam que a percepção sobre o distanciamento social variava dependendo do gênero, da idade, da escolaridade e da renda, acrescentando que o aspecto mais afetado entre pessoas de maior escolaridade era o convívio social, tendo como um dos maiores impactos o estresse, que poderia levar a mais conflitos domésticos. Advertiram, no entanto, que famílias em situações precárias, com falta de suprimentos básicos, limitações de padrões mínimos de higiene, salubridade e bem-estar, vivenciariam frustração, ansiedade e raiva. Entretanto, os autores acreditavam que o confinamento poderia levar ao tédio e à depressão independentemente de classe social, devido à redução do contato social e físico. Já Faro et al. (2020) referiram estudos que constataram que sujeitos com maior nível educacional seriam mais vulneráveis ao estresse, ansiedade, depressão, fobias específicas, evitação, comportamento compulsivo, sintomas físicos e prejuízos no funcionamento social.

Durante o distanciamento social em virtude da pandemia da COVID-19, as pessoas precisaram permanecer em casa como um ato político de prevenção da saúde em prol do coletivo. Também puderam aproveitar o tempo para atualizarem os afazeres domésticos, fortalecerem laços familiares, realizarem atividades prazerosas e de lazer, como ler, plantar, ouvir música ou assistir filmes, melhorando a qualidade de vida em período de confinamento. No entanto, a diminuição das interações sociais comprometeram o sentimento de pertença dos sujeitos a certos grupos que os ajudavam a enfrentar momentos de crise (Bittencourt, 2020). Além disso, a reclusão na pandemia causaram distúrbios do sono, ansiedade, medo, irritabilidade, mudanças no apetite, consumo de álcool e outras drogas, o que levou a processos de adoecimento mental, principalmente em indivíduos mais vulneráveis ou com histórico de transtornos mentais e do comportamento preexistentes (Faro et al., 2020; Bezerra, K. et al., 2020; Moraes, 2020).

Nesse contexto, no entanto, algumas pessoas encontraram formas de não comprometimento da saúde mental, como manter contato *on-line* com família e amigos, fazer exercícios físicos, preparar alimentação saudável e praticar *hobbies* (Moraes, 2020). Entretanto, como bem alerta Bittencourt (2020), o controle da vida humana na pandemia foi sobre a superfície do corpo e não se atentou aos impactos disso para a subjetividade humana, já que o processo envolvia sacrifícios da liberdade individual em prol da coletividade.

Como a situação impactou toda a sociedade, vale a pena lembrar daqueles sujeitos que fazem parte da comunidade acadêmica de Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras, especialmente as públicas, já tão fortemente afetadas em sua saúde mental, como é o caso de universitários, cujo sofrimento e comportamento suicida já há muito têm sido considerados questões de saúde pública (Padovani et al., 2014; FONAPRACE, 2014; Castro, 2017; Graner & Cerqueira, 2019; Silva & Azevedo, 2018).

Para controlar o distanciamento social no contexto acadêmico, uma das estratégias adotadas pelas autoridades foi a suspensão das aulas com o fechamento de escolas e universidades (Bezerra, K. et al., 2020; Malloy-Diniz et al., 2020), sendo essa uma das medidas de maior impacto econômico e psicossocial (Diniz, 2020), além do que o Ministério da Educação (MEC) instituiu portarias que levaram as instituições a operacionalizarem, em caráter excepcional, o Ensino Remoto Emergencial (ERE) para substituir o ensino presencial (Macêdo, Amorim & Souza, 2021).

Segundo Avelino e Mendes (2020), essa situação foi por demais complexa, pois, para além de muitas dificuldades já existentes, os estudantes tiveram que enfrentar um sistema educacional sem estrutura para ampará-los diante da nova realidade. Muitos deles não tinham acesso a tecnologias para acompa-



nhar atividades *on-line*, nem dispunham de espaço adequado para estudar, o que favoreceu a desigualdade na educação do país, causando mais impacto em estudantes de instituições públicas (Barreto & Rocha, 2020).

Ao cenário provocado pela pandemia, que, por si só, já impactava na saúde mental da população, somaram-se as dificuldades de um modo de aprender diferente, atípico até então. Apesar desses desafios, IES públicas de todo o país estudaram estratégias para manter o vínculo dos universitários com a vida acadêmica. No entanto, autores nacionais, a exemplo de Teixeira e Dahl (2020), e internacionais, como Mendiola et al. (2020), destacaram a importância de, em curto, médio e longo prazo, as instituições mapearem os recursos e suportes disponíveis, além de resguardarem a necessidade de acolhimento aos discentes, na perspectiva da assistência psicossocial, da reafirmação da esperança e dos projetos de vida; e da preservação da saúde mental da comunidade universitária.

Para tanto, consideramos que se tornou imprescindível pesquisar como os universitários estavam vivenciando o distanciamento social, pois, como afirmou Faro et al. (2020, p.6), havia “*necessidade de investigar e agir em questões relativas à saúde mental ao longo da crise, uma vez que a capacidade de alcançar um estado de ajustamento psicológico saudável (foi) desafiada, dia após dia, por inúmeras adversidades inusuais (naquele) período*”. Adicionamos: principalmente por sujeitos que sofreram o impacto deste distanciamento na vida acadêmica.

Além disso, voltamo-nos para os estudantes universitários de cursos de saúde, já que as IES públicas, instruídas pela Portaria nº 544/2020 do MEC, optaram por cancelar aulas presenciais e acesso a laboratórios/atividades práticas, o que alterou sobremaneira a rotina desses cursos, pois as mesmas incluem o contato direto dos estudantes com diferentes profissionais, com pessoas e coletividades, além da atuação deles em cenários de aprendizagem em que se realiza o trabalho na saúde. Diante dessas especificidades, o Conselho Nacional de Saúde (CNS), recomendou, em julho de 2020, ponderações quanto às normas expedidas sobre estágios e inserção de estudantes e docentes nos serviços de saúde e no enfrentamento à pandemia de COVID-19, através do Parecer Técnico 162/2020.

O parecer aponta, dentre outros, porque o CNS discordava da Portaria 544/2020. Justificou-se, dentre outros, essa discordância porque os cursos da área da saúde somente são desenvolvidos em diálogo com o complexo cenário em que o trabalho em saúde se realiza com as populações. Portanto, o CNS não reconhecia qualquer equivalência entre a formação mediada por tecnologias e o contato direto entre profissionais e usuários. Além disso, argumentou que no trabalho em saúde se espera desenvolvimento de competências como escuta, alteridade, empatia, comunicação, as quais são oportunizadas, desenvolvidas e mantidas no contato direto com o ser humano, iniciadas e desenvolvidas nas práticas inter-relacionais e no cotidiano dos serviços na formação graduada. Por fim, o CNS também enfatizou no parecer que caberia ao MEC instruir as providências e as condições necessárias de segurança física e psicossocial dos trabalhadores, dos estudantes e dos preceptores, viabilizando inclusão daqueles estudantes que residiam em áreas de maior vulnerabilidade e que não tinham recursos financeiros, salientando que “*uma formação inadequada prejudica os estudantes e coloca em risco a sociedade como um todo*”.

Concordamos com os termos desse parecer e lembramos que, no que diz respeito às IES do Nordeste do Brasil, houve, durante a pandemia e o conseqüente distanciamento social, ausência de consenso em grande parte delas em relação aos parâmetros de ensino (Bezerra, A. et al., 2020) e fragilidade / desconexão das atividades discentes propostas com a realidade vivida pela comunidade acadêmica (Ribeiro, do Carmo, & Mendes Fonteles Filho, 2021).

Diante do exposto e considerando que as universidades públicas como “*centros de formação e qualificação profissional, bem como de produção de conhecimento, têm significativo papel no enfrentamento (da) pandemia*” (Medeiros, 2020, p.1), tivemos como objetivo geral no presente estudo compreender experiências de universitários de cursos de saúde de instituições públicas de Pernambuco, Brasil, durante o distanciamento social ocasionado pela pandemia da COVID-19. Buscamos, especificamente, descrever sentidos das experiências desses sujeitos; identificar impactos dessa experiência para a saúde mental e para a vida acadêmica deles; analisar impasses e desafios enfrentados pelos mesmos; e identificar estratégias de enfrentamento utilizadas por eles durante esse período.

Metodologia

A pesquisa atendeu preceitos éticos para pesquisa com seres humanos das Resoluções CNS/MS 466/2012 e 510/2016, foi submetida na Plataforma Brasil (CAAE 37047720.3.0000.9430), avaliada e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Acadêmico de Vitória da Universidade Federal de Pernambuco (CAV/UFPE), sob parecer 4.283.630, emitido em 17/09/2020. Foi realizada em Pernambuco, que tinha, no período da pesquisa, um total de 88.051 universitários em IES públicas (INEP, 2021).

Tratou-se de uma pesquisa fenomenológica de tendência empírica, que se apoiou em um processo de construção de conhecimento através do qual cabe ao pesquisador criar espaço para a singularidade a fim de compreender a experiência narrada pelo pesquisado, perscrutando o caminho da produção de sentido (Holanda, 2006; Macêdo, 2015). É um tipo de pesquisa em que se busca a compreensão da manifestação singular de um determinado fenômeno e se focam significados e sentidos da experiência



humana para sujeitos que a vivenciam em determinada situação cotidiana (de tempo, espaço e lugar) e a descrevem acuradamente (DeCastro & Gomes, 2011; Gil, 2019).

Para alcançar os universitários, divulgamos a pesquisa nas redes sociais e por e-mail para as coordenações dos cursos. Por esses meios de divulgação, explicamos os objetivos, identificamos o público-alvo e informamos detalhes sobre a coleta de dados, instruindo que o(a) possível colaborador(a) encaminhasse um e-mail para a equipe de pesquisa expressando sua vontade de participar da pesquisa.

Utilizamos como instrumento o depoimento escrito produzido individualmente a partir de uma pergunta disparadora. Esse instrumento consiste em uma narrativa livre da experiência, sem número pré-definido de páginas, no qual o pesquisador, envolvido que está com a realidade social do colaborador, se debruça para compreender a experiência narrada por este sujeito, considerando a reciprocidade de perspectiva do mundo da vida compartilhado com ele, desde que pratique a suspensão de a-prioris para sistematizar os dados a partir de uma descrição qualitativa, de uma análise indutiva e de uma compreensão estrutural (Amatuzzi, 1993; Gomes, 2007; Macêdo, 2015; Macêdo & Caldas, 2011).

Coletaram-se depoimentos entre 20/10/2020 a 01/06/2021, período em que vigorava o ERE nas instituições públicas do estado, como forma de garantir o distanciamento social naquelas instituições. Foi justamente essa condição de distanciamento, que mobilizou a equipe de pesquisa a uma coleta remota e assíncrona.

Após receber o e-mail do potencial participante, a equipe de pesquisa lhe encaminhava um e-mail com a pergunta disparadora “Como se deu a sua experiência de distanciamento social durante a pandemia da COVID-19?”. Visávamos com essa pergunta que, ao lê-la, o sujeito da pesquisa pudesse entrar em contato imediato com a experiência a ser narrada no depoimento escrito. Também encaminhamos, anexo a esse e-mail, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que deveria ser assinado e devolvido junto com o depoimento. Salientamos que no presente estudo adotaremos o termo colaborador(a) para designar o participante da pesquisa, visto ser esse o termo mais indicado por renomados pesquisadores em pesquisas fenomenológicas (Amatuzzi, 2003; Moreira, 2004; Andrade & Holanda, 2010).

Participaram como colaboradores da pesquisa dez universitários maiores de 18 anos de idade, independentemente de gênero, nível socioeconômico e semestre, graduandos de cursos de saúde de universidades públicas situadas em Pernambuco, quais sejam: Educação Física, Enfermagem, Farmácia, Medicina, Nutrição e Psicologia.

Após receber os depoimentos escritos, realizamos a análise em passos propostos por Giorgi & Souza (2010), mas acatando alterações sugeridas em pesquisa fenomenológica de tendência empírica por autores como Amatuzzi (2009), Macêdo (2015) e Macêdo, Souza e Lima (2018):

- a) Contato integral com o todo do depoimento: cada membro da equipe de pesquisa leu cada depoimento quantas vezes fossem necessárias para apreender significados da experiência;
- b) Reuniões semanais da equipe de pesquisa: cada membro da equipe apresentava sua leitura da experiência de cada colaborador e em diálogo discutia-se e entrava-se em consenso sobre os elementos significativos da experiência narrada por cada colaborador, que estivessem relacionados aos objetivos da pesquisa.
- c) Envio de Análise Preliminar Individual: ao final de cada reunião, a equipe de pesquisa sintetizava uma análise parcial em linguagem psicológica, descrevendo-a em um texto que era encaminhado por e-mail para o colaborador autor do depoimento, a fim de que ele confirmasse, propusesse alterações ou mesmo negasse a análise realizada;
- d) Produção de Unidades de Sentido (US): de posse das devolutivas de cada análise, a equipe de pesquisa produziu generalizações para a experiência investigada, considerando o que houve de comum nos sentidos de todos os depoimentos, sintetizando a análise final em US.

Resultados e Discussão

Para fins de análise dos resultados desta pesquisa, nomeamos os colaboradores com pseudônimos referentes a animais que se camuflam, pois estes passam por diversas adaptações para auxiliar sua própria sobrevivência, as quais representam defesas eficazes para eles permanecerem no ambiente no qual vivem. Neste sentido, identificamos características que se referem a possíveis adaptações, mudanças e transformações nos depoimentos escritos pelos colaboradores, nomeando-os de Aranha do Deserto, Camaleão, Cavalo Marinho, Esperança, Libélula, Ouriço, Pássaro-Branco, Polvo, Raia e Urutau.

O quadro 1 apresenta os dados sociodemográficos dos colaboradores. É possível perceber que a maioria deles era do gênero masculino (7), com faixa etária entre 22 e 24 anos (6), estudantes de Psicologia (4), estavam cursando graduação há mais de três anos (6) e eram de IES pública federal (8). Apenas uma colaboradora (a de mais idade) cursava licenciatura e ministrava aulas remotas na educação infantil. No entanto, como os critérios de inclusão da pesquisa não levaram em conta dados sociodemográficos, nossa discussão dos resultados estará focada na figura 1, embora procuremos, vez ou outra, complementar nossa compreensão de algumas US com base no Quadro 1.



Quadro 1. Dados sociodemográficos dos colaboradores da pesquisa

Nome	Gênero	Idade (em anos)	Curso	Período	Tipo de IES pública
Aranha do Deserto	Masculino	25	Psicologia	6º	Federal
Camaleão	Masculino	23	Farmácia	7º	Federal
Cavalo Marinho	Masculino	26	Psicologia	8º	Federal
Esperança	Feminino	48	Licenciatura em Educação Física	10º	Federal
Libélula	Feminino	23	Enfermagem	8º	Estadual
Ouriço	Masculino	24	Educação Física	8º	Federal
Pássaro-Branco	Masculino	22	Medicina	5º	Federal
Polvo	Masculino	25	Nutrição	6º	Estadual
Raia	Feminino	24	Psicologia	9º	Federal
Urutau	Masculino	23	Psicologia	6º	Federal

Fonte: Autores, 2021.

A Figura 2 apresenta as US, suas descrições e os colaboradores onde as mesmas foram compreendidas, de acordo com a recorrência com que elas apareceram nos depoimentos e com os sentidos em comum compreendidos em três ou mais colaboradores. As letras em parênteses correspondem aos cursos dos colaboradores: EF (Educação Física), E (Enfermagem), F (Farmácia), M (Medicina), N (Nutrição) e P (Psicologia). Vale salientar que as US serão grifadas na análise para fins didáticos, mas elas estavam interrelacionadas umas com as outras nos depoimentos dos universitários.

Diante das análises realizadas, pudemos compreender que, frente ao distanciamento social ocasionado pela pandemia da COVID-19, alguns colaboradores investigados tinham saudade da vida e da rotina universitária presencial. Os depoimentos pareciam revelar que sensações de perda, ausência, falta e possíveis anseios permeavam a existência dos universitários no período de pandemia da COVID-19, tal como refletido por Atique, Viana, Cotrim & Silva (2021), autores para os quais a saudade é algo que resumiria as diversas sensações no contexto pandêmico, diante de determinadas razões com as quais o sujeito se depara, pois ele sente necessidade de estar em sala de aula física, em reuniões e congressos, nas bibliotecas, junto aos corpos e às mentes dos outros e não apenas os encontrando por imagens. Isso foi revelado em um recorte de depoimento de Libélula (E): *“sinto falta do contato com outras pessoas, familiares, colegas e amigos, que não vejo desde março”*, além do trecho escrito por Aranha do Deserto (P):

Eu amo a rotina na [universidade]. Gosto das atividades, de falar com a galera que conheci na universidade – as tias do RU, do ar-condicionado, da limpeza, os jardineiros, os professores, os colegas. Isso tudo é uma bênção para mim! Mesmo sendo algo muito cansativo, eu amo levantar a cada manhã e ir animado para a sala de aula sabendo que irei aprender algo que colaborará na minha formação profissional e no meu crescimento como pessoa, aproveitando cada momento do curso. Sem dúvida alguma, espero logo retornar às aulas presenciais (Aranha do Deserto, P).

Sabemos que as universidades públicas tiveram que aderir às regras impostas por decretos e resoluções governamentais, suspendendo aulas presenciais, o que causou impactos na vida dos estudantes (Ferrinho, 2020). Partindo disso, os dados da nossa pesquisa mostraram que, para além da saudade da rotina presencial, alguns discentes também tinham preocupações e frustrações com o atraso do curso, já que houve comprometimento dos períodos letivos e também mudanças na modalidade de ensino-aprendizagem, já que todos eles tinham experienciado o ensino presencial antes da pandemia (ver período cursado à época da pesquisa, no quadro 1).

Karpowicz et al. (2020) afirmaram que, com a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, houve, também, suspensão de estágios, práticas e outras atividades apenas executadas no formato presencial, impactando, sobretudo, a formação nos cursos de saúde, onde as práticas são componentes cur-



Figura 1. Unidades de sentido, suas descrições e identificação dos colaboradores onde elas foram compreendidas.

Unidades de Sentido	Descrição	Colaboradores
Saudade da vida e da rotina universitária presencial	Os colaboradores sentiam saudade da vida acadêmica e da rotina universitária presencial com colegas e amigos antes da pandemia.	Aranha do Deserto (P), Libélula (E), Esperança (EF)
Preocupações e frustrações com o atraso do curso	Os colaboradores se sentiam frustrados e preocupados com o atraso do curso em virtude da pandemia, inclusive com o ônus financeiro advindo disso.	Aranha do Deserto (P), Libélula (E), Ouriço (EF), Polvo (N), Camaleão (F)
Insatisfação, frustração e desgaste emocional diante do ERE	Os colaboradores, além de vivenciarem insatisfação e frustração com o ERE, sentiam-se sobrecarregados e instabilizados emocionalmente com as atividades realizadas remotamente.	Libélula (E), Ouriço (EF), Camaleão (F), Raia (P), Pássaro- Branco (M) Polvo (N)
Medo de contrair a doença e contaminar a família	Os colaboradores ficaram preocupados e sentiram medo de contrair a doença e/ou contaminar a família	Aranha do Deserto (P), Libélula (E), Camaleão (F), Pássaro-Branco (M)
Multiplicidade de sentimentos negativos frente à pandemia	Os colaboradores experienciaram uma multiplicidade de sentimentos negativos frente à pandemia: além de se sentirem assustados e amedrontados diante da doença, revelaram raiva de quem não cumpre o distanciamento social e/ou culpa quando não o cumprem.	Esperança (EF), Camaleão (F), Raia (P), Cavalo-Marinho (P)
Incertezas diante do tempo prolongado da pandemia, que promoveram desequilíbrio físico e emocional	Os colaboradores tinham incerteza quanto ao futuro diante do tempo prolongado da pandemia, o que promovia desequilíbrio físico e/ou emocional.	Libélula (E), Esperança (EF), Camaleão (F), Polvo (N)
Reconfiguração da dinâmica e do equilíbrio familiar	Os colaboradores sentiram que o distanciamento social provocou uma mudança na dinâmica familiar: enquanto uns se aproximaram mais, outros se desestabilizaram com a convivência familiar e alguns lidaram com instabilidades financeiras.	Aranha do Deserto (P), Esperança (EF), Pássaro-branco (M), Raia (P)
Atração pela solidão favorece lidar indiferentemente com o distanciamento social	Os colaboradores revelaram que, por gostarem de ficar sozinhos, não sentiram impactos do distanciamento social.	Aranha do deserto (P), Ouriço (EF), Urutau (P)
Alívio da situação através de tempo dedicado à fé/crença religiosa e lazer/hobby	Os colaboradores se refugiavam na fé ou na religião e investiam tempo em momentos de lazer e hobby, como forma de lidar com a situação e aliviar a sobrecarga de atividades.	Aranha do deserto (P), Libélula (E), Esperança (EF), Camaleão (F), Pássaro-Branco (M), Urutau (P)

Fonte: Autores, 2021.

riculares essenciais à formação dos estudantes. Embora o MEC tenha liberado atividades práticas e estágios para cursos de saúde através da Portaria 544 (2020), considerando que nenhum dos colaboradores deste estudo se referiu a experiências neste sentido, não temos como discorrer sobre os impactos do cenário da pandemia para suas formações nessas práticas. No entanto, alguns dos universitários escreveram sobre o atraso na conclusão dos seus cursos e, estando além do 6º período em cursos de saúde, os estudantes possivelmente deveriam cursar disciplinas práticas, o que não estava ocorrendo na modalidade remota.

O atraso nos cursos parece ter levado alguns colaboradores a vivenciarem cobranças externas e internas, favorecendo inseguranças, preocupações e frustrações que poderiam estar relacionadas a diferentes questões e acarretar na postergação dos próprios sonhos profissionais e na evasão acadêmica, já que o momento



suscitava incertezas. Em recorte do depoimento de Camaleão (F), lemos: “*as incertezas em relação ao meu curso, visto que já me aproximo da conclusão, me trouxeram medo do futuro*”. Essa frase nos instiga a refletir sobre as expectativas do futuro entre esses sujeitos. Já o depoimento de Ouriço (F), transcrito abaixo, pode representar como as expectativas que envolvem a atuação no mercado de trabalho da profissão foram frustradas para os universitários colaboradores desta pesquisa:

Minha experiência foi frustrante. Estava no final do curso de Educação Física bacharelado, já havia pago TCC, e grande parte das matérias, restando apenas estágio, algumas optativas e eletiva, com planos para estar me formando agora no fim do ano (...). Hoje: desempregado e com o micro empreendimento prejudicado devido à pandemia, me encontro desanimado a respeito da profissionalização do curso que escolhi (...) estou focando em coisas totalmente diferentes das quais focava antes disso tudo acontecer (Ouriço, EF).

Essa falta de expectativa nos lembra o termo “desalentados”, usado por alguns autores para se referir às pessoas desempregadas sem expectativas de relocação no mercado de trabalho, condição que tem considerável impacto na saúde mental do trabalhador (Antunes, 2020). Especialmente no período da pandemia, o número de desalentados no mundo aumentou (Souza, 2021), o que impele pensarmos como essa falta de esperança em relação à continuidade do curso pode afetar a saúde mental dos discentes aqui investigados.

A frustração, contudo, não era sentida entre os colaboradores apenas com o atraso do curso, mas também frente ao ERE. Portanto, a terceira US compreendida foi insatisfação, frustração e desgaste emocional diante do ERE, que pode ser visualizada nos recortes de depoimentos abaixo:

Eu não tinha noção que só voltaria de forma facultativa com um “semestre remoto extra” só no mês de setembro de 2020. De início, aceitei cursar pois era melhor que atrasar mais do que já estava no curso. O distanciamento foi a pior coisa sim durante o período letivo suplementar de 10 semanas. Finalizei em novembro com a sensação de ter interagido só com uma tela de computador do que com gente, como era de costume (Polvo, N).

Com a volta das aulas no período remoto, em forma on-line, o estresse e a ansiedade voltaram em certa medida. Me sinto cansada o tempo todo e tenho dificuldade de concentração. Considerei várias vezes não fazer esse período. Depois de começar, considerei desistir (Raia, P).

Acreditamos que estes trechos estejam relacionados aos impactos psicossociais gerados pela suspensão das aulas e introdução do ERE pelas universidades como uma estratégia para continuar os calendários letivos e ao mesmo tempo controlar a transmissão da doença. Entretanto, foi possível compreender que os universitários colaboradores na época da pesquisa ainda estavam tentando se adaptar a um novo processo de ensino-aprendizagem, o que poderia refletir na sua rotina e na execução de atividades acadêmicas, ou mesmo na possibilidade de evasão, como frisou Nunes (2021) diante dos dados levantados em seu estudo: os universitários estavam cansados, desanimados, desmotivados e aprendendo menos.

Cavalo Marinho (P) escreveu: “*mudanças como aulas on-line e o próprio expediente remoto de trabalho são, apesar de necessárias, demasiadamente angustiantes*”. Frases como esta demandam alerta das instituições em relação a estratégias de cuidado à saúde mental discente durante o ERE na pandemia da COVID-19.

Libélula (E) referiu: “*as aulas on-line têm sido um pouco difíceis, pois o ambiente residencial e esse formato remoto em que há menor interação com os colegas e professores faz com que eu perca a atenção facilmente, atrapalhando meu aprendizado*”. Desta forma, temos, a partir desses recortes de depoimentos, indicadores de como o novo modelo de ensino remoto, além de impactos na saúde mental dos universitários, interfere tanto nos relacionamentos interpessoais (que podem ser redes de apoio social a estudantes da área de saúde durante esse período), quanto no processo de ensino-aprendizagem (Martins et al., 2020), e, necessariamente, no desenvolvimento de competências dos futuros profissionais. Vejamos o que escreveu Pássaro-Branco (M):

De forma geral, foi uma experiência desagradável [e] acaba por impactar negativamente no rendimento estudantil já que não se viu progresso, o que acarreta, devo dizer, um pouco de ansiedade até mesmo em mim para que o distanciamento social seja ao menos flexibilizado a ponto de as aulas retornarem nem que seja hibridamente.

Para além das vivências negativas quanto ao ERE, compreendemos que os colaboradores também sentiam medo de contrair a doença e contaminar a família. Libélula (E) escreveu: “*Considerando a COVID-19, estava muito assustada no início, com medo de contrair e passar para meus pais e avós*”. Já Pássaro-Branco (M) afirmou:

Mesmo as saídas sendo escassas, com o tempo ocorreu estresse em casa, já que meu pai agia ativamente para com os cuidados de meus avós. Os dois possuem mais de 80 anos e digamos que são senhores bem frágeis que necessitam de uma atenção e cuidados especiais. Em resumo, por alguns meses aconteceu



uma neurose coletiva em casa, pois se um de nós fosse contaminado de alguma maneira, seria muito fácil de meus avós serem logo em seguida. Sinceramente falando, esse era nosso único medo, meus avós serem expostos.

Para Lindemann et al. (2021), no contexto da pandemia, o medo, um mecanismo de defesa adaptável e fundamental para a sobrevivência, pode influenciar o comportamento dos sujeitos, tanto no sentido de maior cuidado, quanto de maior prejuízo à saúde mental, quando assume um caráter crônico ou desproporcional. Não parece, no entanto, que o medo desses universitários seja desproporcional, pois como bem escreveu Camaleão (F), “o medo da própria doença acometer alguém da minha família também é algo que ainda traz grande preocupação. Felizmente nenhum de nós foi acometido pela doença até o momento, o que traz certa medida de tranquilidade”. Entretanto, como também escreveu Esperança (EF), “as primeiras notícias de um vírus que se alastrava rapidamente foi assustadora, pois não havia conhecimento científico suficiente para contê-lo”.

Esses trechos de depoimento mais uma vez nos remetem às ideias de Lindeman et al. (2020), que referiram os impactos das informações disseminadas pela mídia, que podem acabar gerando na população um estado de alerta constante, despertando nos indivíduos o medo de se contaminar e de morrer, podendo acarretar diversos sintomas físicos, além de transtornos como os de ansiedade. Veja-se o que escreveu Cavallo Marinho (P): “não consegui em momento algum conter a “vontade” de ser bombardeado por informações diárias sobre o número de casos, mortes, o que tem me deixado extremamente ansioso e sem esperanças de que isso acabe rápido”.

Ademais, o medo pode ser real ou imaginário, pode produzir histórias, motivações e sentidos, pois faz parte de relações e representações de ameaças. Assim, notícias de medo e da própria doença COVID-19 podem ser desestruturadoras e paralisadoras diante dos diferentes sentidos que os sujeitos atribuem às notícias e seus modos de existir (Moretti, Guedes Neta & Batista, 2020).

Compreendemos que, para além do medo da doença, essas notícias também impactavam no comportamento dos colaboradores diante do distanciamento social, gerando multiplicidade de sentimentos negativos frente à pandemia (a exemplo de raiva e culpa), como visto no trecho abaixo:

Saí de casa mesmo em medidas de distanciamento social a procurar alguns amigos. Passava algumas horas com eles e depois retornava. No entanto, isso gerava culpa, por causa da cobrança, principalmente em redes sociais, para que todos cumprissem a quarentena (Raia, P).

Diante do recorte acima, lembramos Ibiapina, Alencar, Fernandes & Araújo Filho (2020), ao destacarem que muitas das notícias disseminadas na pandemia podem gerar impactos à saúde mental da população, inclusive intensificando emoções de várias ordens, como sentimento de temor e autocobranças diante do cumprimento das medidas, justamente porque cada sujeito vivencia e lida com o contexto pandêmico de maneira diferente, dependendo de hábitos, significados e valores no cotidiano (Silva e Pimentel, 2021).

Para além da constante veiculação de notícias, o tempo foi algo que impactou as vivências negativas dos universitários, pois se compreendeu que outra US seria as incertezas diante do tempo prolongado da pandemia, que promoveram desequilíbrio físico e emocional. De acordo com Pereira et al. (2020), sentimentos de inconstância e incerteza deixam a população mais a mercê de sintomas de ansiedade, que podem evoluir para um quadro de depressão, caracterizar mudanças bruscas no estilo de vida, acarretar irritabilidade, hábitos alimentares não saudáveis ou perda de apetite, sentimento de culpa e perda de interesse para realizar atividades e *hobbies*, que antes eram agradáveis para estes sujeitos. Os trechos de depoimentos abaixo parecem denotar o enfatizado pelos autores:

Eu, como todo mundo, tinha a ilusão que a pandemia duraria poucas semanas ou poucos meses. O “baque” veio quando isso passava tempo e nada de um fim (...) Hoje, estou um pouco sedentário, talvez mais ansioso e desestimulado com as próximas aulas remotas, possivelmente também com as pessoas, com atividade física em geral. (Polvo, N).

Confesso que nos primeiros dias achava que seria algo rápido, mas com o passar dos dias e no dia que esse depoimento está sendo escrito já estamos no oitavo mês de isolamento devido ao COVID-19. Toda essa espera por uma saída dessa situação acabou trazendo certa medida de ansiedade (Camaleão, F).

Dois questões podem ser refletidas a partir desses trechos: uma, como as pessoas estavam lidando com o tempo durante a pandemia; outra, os impactos do distanciamento social de longo prazo atrelado ao uso constante de tecnologia de informação e comunicação no próprio modo como os sujeitos lidavam com o tempo. Segundo Souza (2020), na sociedade da informação o ser humano vive em um tempo volátil e o profundo mergulho no mundo informacional pode fazer com que ele, tendo menos tempo livre, possa ter prejuízos em sua saúde, como parece indicar o recorte do depoimento de Polvo (N): “Passei horas por dia só me comunicando por mensagens e apenas uma sensação me passava na cabeça: tédio”.



Entretanto, nesse tempo do distanciamento social, sem aula presencial, foi possível a alguns colaboradores a reconfiguração da dinâmica e do equilíbrio familiar. Na perspectiva de Silva et al. (2020), haviam famílias que estavam sendo capazes de lidar com as dificuldades da pandemia, tendendo a se mostrar mais seguras para enfrentar novos desafios. Por outro lado, no distanciamento social e diante do medo com as possibilidades de morte, conflitos familiares, conjugais e intergeracionais apareceram de forma mais exacerbada (Heilborn, Peixoto & Barros, 2020). Podemos compreender isso nos trechos dos depoimentos de Pássaro-Branco e Raia:

Minha família se encontrou em uma condição bastante favorável se comparada à outras famílias brasileiras. Minha mãe é aposentada e meu pai foi capaz de prosseguir com seu trabalho normalmente via “*home office*” já que seu emprego consiste em resoluções e atendimentos via computador (Passaro-Branco, M).

Minha experiência de distanciamento social foi e tem sido um pouco sofrida (. . .) Nessa rotina, eu passo pouco tempo em casa, pois a convivência com meus pais é um fator estressor e desencadeador de crises (Raia, P).

Entretanto, apesar de todas essas afetações, foi possível compreender que havia estratégias de enfrentamento utilizadas pelos universitários para lidar com o distanciamento social ocasionado pela pandemia da COVID-19, pois enquanto uns sentiam atração pela solidão que favorecia lidar indiferentemente com o distanciamento social, a maioria deles parecia sentir alívio da situação através de tempo dedicado à fé/crença religiosa e lazer/hobby.

Urutau (P) e Ouriço (EF) pareciam viver em situação de solidão, que é uma escolha pessoal pela solidão com positividade e otimismo, quando o sujeito tem prazer com a própria companhia (Almeida, 2020). Solidão, portanto, se trata do ato voluntário de ficar a sós consigo mesmo sem se incomodar com qualquer sensação de vazio, o que poderia ter ajudado no enfrentamento da pandemia da COVID-19 e do distanciamento social dela decorrente. Veja-se:

No meu caso, foi bom o isolamento social por um lado, pois a solidão, quando é uma escolha, é viciante (Urutau, P).

A socialização não me incomodou muito. Sou uma pessoa mais reservada e não fiquei muito ruim por isso (Ouriço, EF).

Já outros colaboradores revelaram estratégias que nos fazem refletir que muitas pessoas estão ligadas à fé e a crenças religiosas para lidar com o sofrimento, os desafios e as transições ao longo da vida, usando essas para impulsionar o enfrentamento. Assim, o indivíduo procura compreender a si mesmo e busca os significados da própria existência, o que conseqüentemente possibilita alívio, conforto e consolo diante das situações de vida enfrentadas. Além disso, é preciso ressaltar, também, que práticas religiosas ajudam a manter a saúde mental e prevenir doenças mentais, pois essas influem na psicodinâmica do sujeito, auxiliando-o a lidar com medo, frustrações, ansiedade, raiva, isolamento e outros sentimentos (Murakami & Campos, 2012). Vejam-se o trecho abaixo:

Apesar desse receio, por ser cristão e crer que nada foge do controle soberano de Cristo, sempre tive paz. Sei que não são todos que acreditam nisso, mas, de fato, encontro refúgio e paz nEle. Então, por isso, não senti medo (Polvo, P).

Para além do exercício da fé e da religião, embora durante a pandemia as pessoas tiveram que alterar suas atividades de lazer ou se adaptaram às opções dentro dos seus próprios lares, algumas delas ainda se utilizaram do lazer ou de *hobbies* como estratégias para lidar com o período de distanciamento social. Conforme Ribeiro et al. (2020), durante esse período, a saúde mental deveria ser mantida através mesmo do lazer, da leitura de livros, exibição de filmes, troca de informações familiares e manutenção de contatos sociais on-line. A realização de atividades como essas foram fatores de proteção relevantes para favorecer o bem-estar e para a prevenção do adoecimento mental, não só de universitários, mas de toda a população durante a crise sanitária que estávamos enfrentando. Como escreveu Libélula (E), “*algumas coisas que [se pode] fazer para relaxar durante esse período [são] ouvir músicas, assistir séries e desenhar*”. Tais atividades podem ter ajudado os universitários na promoção do cuidado de si.

Considerações Finais

Ao final da pesquisa, acreditamos que conseguimos alcançar todos os objetivos pretendidos e chamamos atenção dos leitores para o fato de que o curso, a idade, o gênero e o período cursado pelos colaboradores não parecem ter influência direta na experiência

vivenciada durante o distanciamento social por causa da pandemia da COVID-19, pelo menos naquilo que foi explorado nesta pesquisa: a condição desses sujeitos de serem universitários de cursos de saúde de instituições públicas.



Porquanto, os resultados deste estudo indicam ser significativos para que possamos refletir sobre os impactos nocivos do distanciamento social para a comunidade estudantil de cursos de saúde de instituições públicas de Pernambuco e como os discentes têm enfrentado a situação. Também apontam para a necessidade de ampliar discussões sobre saúde mental nas Instituições de Ensino Superior. Esperamos, assim, que as autoridades competentes invistam em incentivos para políticas de promoção de saúde e cuidado aos estudantes universitários da região após a pandemia da COVID-19 e seu conseqüente distanciamento social, garantindo aos mesmos o exercício do dever do Estado no que diz respeito a estratégias de atenção psicossocial.

Reconhecemos, também, que nossos resultados apontam, mesmo que indiretamente, os danos psicossociais que acometem universitários, já que identificamos o que estava sendo experienciado por esses sujeitos nos momentos de crise pandêmica, favorecendo a profissionais de saúde mental conhecerem mais especificamente e dirimir os impactos nocivos que a pandemia e o distanciamento social puderam causar. Adicionalmente, podem permitir que estudiosos das áreas de saúde e educação possam ter esclarecimentos de que medidas de promoção de saúde de feição inter e multidisciplinar podem ser implantadas nas universidades, as quais devem assumir responsabilidade social pela transformação da realidade.

No entanto, nossa pesquisa não alcançou estudantes de outros cursos de saúde, a exemplo de fisioterapia, fonoaudiologia e odontologia, como também não explorou o fato dos universitários estarem ou não inseridos no mercado de trabalho, o que poderia enriquecer os dados com mais informações de outras variáveis que pudessem interferir em sua saúde mental. Contudo, para além disso, consideramos importante ser conduzida uma pesquisa que busque compreender a experiência de universitários no percurso de retorno ao ensino presencial em instituições públicas, assim como estudos que investiguem a experiência de universitários com deficiência e/ou pós-graduandos ao longo desse processo. Acreditamos que, desta maneira, cumprimos nosso papel de formadores/educadores constantemente ocupados com a promoção da saúde mental nos ambientes acadêmicos de ensino superior do Brasil, principalmente no atual cenário sanitário, político, social e econômico, em que as subjetividades são atravessadas pelas crises que assolam as universidades públicas do país.

Referências

- Almeida, T.(2020). Solidão, solidude e a pandemia da COVID-19. *Pensando famílias*, 24(2), 3-14. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2020000200002&lng=pt&tlng=pt
- Amatuzzi, M. M. (1993). Etapas do processo terapêutico: um estudo exploratório. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 9(1), 1-21.
- Amatuzzi, M. M. (2003). Pesquisa fenomenológica em Psicologia. In: M. A. T. Bruns, & A. F. Holanda (Orgs.). *Psicologia e fenomenologia: reflexões e perspectivas*. (pp. 15-22). Alínea.
- Amatuzzi, M. M. (2009). Psicologia fenomenológica: uma aproximação teórica humanista. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 26, 93-100. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2009000100010>
- Andrade, C. C., & Holanda, A. F. (2010). Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica. *Estud. psicol. (Campinas)*, 27(2), 259-268. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2010000200013>
- Antunes, R. (2020). Qual é o futuro do trabalho na era digital? *Laborare*, III(4), 6-14. <https://doi.org/10.33637/2595-847x.2020-46>
- Atique, F., Viana, L. Q., Cotrim, M., & Silva, R. C. M. (2020). Saudades... ou como viver o mundo da pandemia. *Revista Thésis*, 5(9). <https://doi.org/10.51924/revthesis.2020.v5.261>
- Avelino, W. F., & Mendes, J. G. (2020). A realidade da educação brasileira a partir da COVID-19. *Boletim de Conjuntura (BOCA)*, 2(5), 56-62. <https://doi.org/10.5281/zenodo.3759679>
- Barreto, A. C. F., & Rocha, D. S. (2020). Covid 19 e educação: resistências, desafios e (im)possibilidades. *Revista Encantar-Educação, Cultura e Sociedade*, 2, 01-11. <https://www.revistas.uneb.br/index.php/encantar/article/view/8480>
- Bezerra, A. C. V., Silva, C. E. M. D., Soares, F. R. G., & Silva, J. A. M. D. (2020). Fatores associados ao comportamento da população durante o isolamento social na pandemia de COVID-19. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25, 2411-2421. <https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.10792020>
- Bezerra, K. P., Costa, K. F. de L., Oliveira, L. C. de, Fernandes, A. C. L., Carvalho, F. P. B. de, & Nelson, I. C. A. de S. R. (2020). Ensino remoto em universidades públicas estaduais: o futuro que se faz presente. *Research, Society and Development*, 9(9), 1-17. <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i9.7226>



- Bittencourt, R. N. (2020). Pandemia, isolamento social e colapso global. *Revista Espaço Acadêmico*, 19(221), 168-178. <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/52827>.
- Castro, V. R. (2017). Reflexões sobre a saúde mental do estudante universitário: estudo empírico com estudantes de uma instituição pública de ensino superior. *Revista Gestão em Foco*, 9(1), 380-401. https://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2018/06/043_saude_mental.pdf
- Conselho Nacional de Saúde (2020). *Recomendação Nº 48, de 01 de Julho*. Recomenda ao Ministério da Educação, que observe o Parecer Técnico nº 162/2020, no que diz respeito a estágios e práticas na área da saúde durante a pandemia de Covid-19. <https://conselho.saude.gov.br/recomendacoes-cns/1250-recomendacao-n-048-de-01-de-julho-de-2020>
- DeCastro, T. G., & Gomes, W. B. (2011). Aplicações do método fenomenológico à pesquisa em psicologia: tradições e tendências. *Estudos de Psicologia*, 28(2), 153-161. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2011000200003>
- Diniz, N. (2020). Reestruturação do trabalho docente e desigualdades educacionais em tempos de crise sanitária, econômica e civilizatória. *Revista Tamoios*, 16(1). <https://doi.org/10.12957/tamoios.2020.50253>
- Faro, A., Bahiano, M. D. A., Nakano, T. D. C., Reis, C., Silva, B. F. P. D., & Vitti, L. S. (2020). COVID-19 e saúde mental: a emergência do cuidado. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 37. <https://doi.org/10.1590/SciELO-Preprints.146>
- Ferrinho, P. (2020). Impacto da pandemia de COVID-19 na vida dos estudantes da Nova-IHMT. *Anais do Instituto de Higiene e Medicina Tropical*, 19, 50-54. <https://doi.org/10.25761/anaisihmt.355>
- FONAPRACE. (2014). *IV Pesquisa do perfil socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação das Instituições Federais de Ensino Superior brasileiras*. Andifes. http://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2017/11/Pesquisa-de-Perfil-dos-Graduando-das-IFES_2014.pdf
- Gil, A.C. (2019). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. Atlas.
- Giorgi, A., & Sousa, D. (2010). *Método fenomenológico de investigação em Psicologia*. Fim de Século.
- Gomes, W. B. (2007). Distinção entre procedimentos técnico e lógico na análise fenomenológica. *Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies*, 13(2), 228-240. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672007000200007&lng=pt&tlng=pt
- Graner, K. M., & Cerqueira, A. T. D. A. R. (2019). Revisão integrativa: sofrimento psíquico em estudantes universitários e fatores associados. *Ciência & Saúde Coletiva*, 24, 1327-1346. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018244.09692017>
- Heiborn, M. L. A, Peixoto, C. E., & Barros, M. M. L. (2020). Tensões familiares em tempos de pandemia e confinamento: cuidadoras familiares. *Physis* 30(02). <https://doi.org/10.1590/S0103-73312020300206>
- Holanda, A. (2006). Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. *Análise Psicológica*, 24(3), 363-372. <https://doi.org/10.14417/ap.176>
- Ibiapina, A. R. S., Alencar, D. C., Fernandes, M. A., & Araújo Filho, A. C. A. (2020). Fake news em tempos de pandemia da COVID-19 e as Repercussões na saúde mental. *Revista Enfermagem Atual In Derme*, 94(32). <http://revistaenfermagematual.com.br/index.php/revista/article/download/941/729>
- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. (2021). *Educação Superior*. <http://portal.inep.gov.br/censo-da-educacao-superior>
- Karpowicz, B. L., Medeiros, E. C., Rocha, M. B. L., Souza, R. P., & Silva, T. M. O. (2020). Incertezas e desafios do conluente de enfermagem em tempo de pandemia. *Diálogos em Saúde*, 3(1), 17-32. <https://periodicos.iesp.edu.br/index.php/dialogosemsaude/article/view/273/233>
- Lindemann, I. L., Simonetti, A. B., Amaral, C. P. D., Riffel, R. T., Simon, T. T., Stobbe, J. C., & Acrani, G. O. (2021). Percepção do medo de ser contaminado pelo novo coronavírus. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 70, 3-11. <https://doi.org/10.1590/0047-208500000306>
- Macêdo, S. (2015). *Clínica humanista fenomenológica do trabalho: a construção de uma ação diferenciada diante do sofrimento no e por causa do trabalho*. Curitiba: Juruá.



- Macêdo, S., & Caldas, M. T. (2011). Uma análise crítica sobre técnicas de pesquisa fenomenológica utilizadas em Psicologia Clínica. *Revista do NUFEN*, 3(1), 3-16. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rnufen/v3n1/a02.pdf>
- Macêdo, S., Souza, G.W., & Lima, M.B.A. (2018). Oficina de desenvolvimento da escuta : prática clínica na formação em psicologia. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 24(2): 123-133. <http://dx.doi.org/10.18065/RAG.2018v24n2.1>
- Macêdo, S., Amorim, J. L., & Souza, M. P. G. de. (2021). Distanciamento social na pandemia da covid-19: estudo com docentes universitárias. *Linhas Críticas*, 27, e39455. <https://doi.org/10.26512/lc27202139455>
- Malloy-Diniz, L. F., Costa, D. S., Loureiro, F., Moreira, L., Silveira, B. K. S., Sadi, H. M., Apolinário-Souza, T., Alvin-Soares, A., Nicolato, R., Paula, J. J., Miranda, D., Pinheiro, M. I. C., Cruz, R. M., & Silva, A. G. (2020). Saúde mental na pandemia de COVID-19: considerações práticas multidisciplinares sobre cognição, emoção e comportamento. *Debates em psiquiatria*, 10(2), 46-68. <https://doi.org/10.25118/2236-918X-10-2-6>
- Martins, A. B. T., Falcão, C. S. V., Pereira, A. M. C., Carvalho, J. Q., Diogo, J. L. Eloy, Y. R. & Abdon, A. P. V. (2020). Sentimento de angústia e isolamento social de universitários da área da saúde durante a pandemia da COVID-19. *Revista Brasileira em Promoção da Saúde*, 33. <https://doi.org/10.5020/18061230.2020.11444>
- Medeiros, E. A. S. (2020). Desafios para o enfrentamento da pandemia covid-19 em hospitais universitários. *Revista Paulista de Pediatria*, 38. <https://doi.org/10.1590/1984-0462/2020/38/2020086>
- Mendiola, M. S., Hernández, A. M. P. M., Carrasco, R. T., Servín, M. M. A., Romo, A. K. H., Lara, M. A. B., Vergara, C. A. J. & Cazales, V. J. R. (2020). Retos educativos durante la pandemia de covid-19: una encuesta a profesores de la UNAM. *Revista Digital Universitária*, 21(3), 1-23. doi: <http://doi.org/10.22201/co-deic.16076079e.2020.v21n3.a12> . Disponible en: <https://www.revista.unam.mx/wp-content/uploads/a12.pdf>
- Ministério da Educação (2020). *Portaria N.544, de 16 de junho*. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus - Covid-19, e revoga as Portarias MEC nº 343, de 17 de março de 2020, nº 345, de 19 de março de 2020, e nº 473, de 12 de maio de 2020. <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-544-de-16-de-junho-de-2020-261924872>
- Moraes, R. F. (2020). Nota Técnica n. 27 (Diest) - *Prevenindo conflitos sociais violentos em tempos de pandemia: garantia da renda, manutenção da saúde mental e comunicação efetiva*. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). <http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/9836>
- Moreira, V. (2004). O método fenomenológico de Merleau-Ponty como ferramenta crítica na pesquisa em psicopatologia. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 447-456. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722004000300016>
- Moretti, S. A., Guedes Neta, M. L., & Batista, E. C. (2020). Nossas vidas em meio à pandemia da covid-19: incertezas e medos sociais. *Revista Enfermagem e Saúde Coletiva-REVESC*, 5(1), 32-41. <https://www.researchgate.net/publication/342898913>
- Murakami, R., & Campos, C. J. G. (2012). Religião e saúde mental: desafio de integrar a religiosidade ao cuidado com o paciente. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 65, 361-367. <https://doi.org/10.1590/S0034-71672012000200024>
- Nunes, R. C. (2021). An overview of the evasion of university students during remote studies caused by COVID-19 pandemic. *Research, Society and Development*, 10(3), e1410313022. [doi:10.33448/rsd-v10i3.13022](https://doi.org/10.33448/rsd-v10i3.13022)
- Ornell, F. E. L. I. P. E., Schuch, J. B., Sordi, A. O., & Kessler, F. H. (2020). Pandemia de medo e COVID-19: impacto na saúde mental e possíveis estratégias. *Revista debates in psychiatry*, 2020. <https://www.researchgate.net/publication/340442412>.
- Padovani, R. C., Neufeld, C. B., Maltoni, J., Barbosa, L. N. F., Souza, W. F. D., Cavalcanti, H. A. F., & Lameu, J. D. N. (2014). Vulnerabilidade e bem-estar psicológicos do estudante universitário. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 10(1), 02-10. <https://dx.doi.org/10.5935/1808-5687.20140002>
- Pereira, M. D., Oliveira, L. C., Costa, C. F. T., Bezerra, C. M. O., Pereira, M. D., Santos, C. K. A., & Dantas, E. H. M. (2020). A pandemia de COVID-19, o isolamento social, consequências na saúde mental e estratégias de enfrentamento: uma revisão integrativa. *Research, Society and Development*, 9(7),



e652974548-e652974548. <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/4548>

- Portaria nº 544, de 16 de junho de 2020. (2020). Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus – Covid-19. <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-544-de-16-de-junho-de-2020-261924872>
- Ribeiro, D. M., do Carmo, F. M. & Mendes Fonteles Filho, J. (2021). Ensino remoto em contexto de pandemia em duas universidades do nordeste do Brasil: UFC e UERN. *RevistAleph*, (37). <https://periodicos.uff.br/revistaleph/article/view/50549>
- Ribeiro, O. C. F., Santana, G. J., Tengan, E. Y. M., Silva, L. W. M., & Nicolas, E. A. (2020). Os impactos da pandemia da COVID-19 no lazer de adultos e idosos. *LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer*, 23(3), 391-428. <https://doi.org/10.35699/2447-6218.2020.25456>
- Silva, M. V. M., & Azevedo, A. K. S. (2018). Um olhar sobre o suicídio: vivências e experiências de estudantes universitários. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, 7(3), 390-401. <https://doi.org/10.17267/2317-3394rpds.v7i3.1908>
- Silva, M. D. N. R. M. D. O., & Pimentel, A. D. S. G. (2021). Desvelando o isolamento social no cotidiano vivido na pandemia da COVID-19. [doi:10.33448/rsd-v10i3.14132](https://doi.org/10.33448/rsd-v10i3.14132)
- Silva, I. M. D., Schmidt, B., Lordello, S. R., Noal, D. D. S., Crepaldi, M. A., & Wagner, A. (2020). As relações familiares diante da COVID-19: recursos, riscos e implicações para a prática da terapia de casal e família. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2020000100003&lng=pt&tlng=p
- Souza, D. O. (2021). As dimensões da precarização do trabalho em face da pandemia de Covid-19. *Trabalho, Educação e Saúde*, 19 (e00311143). <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00311>
- Souza, M. R. (2020). Cadê o tempo que estava aqui? Reflexões sobre as concepções de tempo antes e durante a sociedade da informação. *Ponto de Acesso*, 14(1), 159-171. <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/36101/24229>
- Teixeira, M. R., & Dahl, C. M. (2020). Recriando cotidianos possíveis: construção de estratégias de apoio entre docentes e estudantes de graduação em Terapia Ocupacional em tempos de pandemia. *Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional-REVISBRATO*, 4(3), 509-518. <https://doi.org/10.47222/2526-3544.rbto34425>

Submetido em 20.12.2022 – Aceito em 23.02.2023